

LINGUASAGEM

UM ESTUDO ENUNCIATIVO DA RELAÇÃO DOS CONFEDERADOS IMIGRANTES COM A ESCRAVIDÃO NA REGIÃO DE AMERICANA-SP

Amanda Castilho Azzali¹

RESUMO

Este estudo, baseado na Semântica do Acontecimento, examina os significados da escravidão e das relações raciais no Brasil devido à presença de imigrantes confederados estadunidenses em Americana, interior de São Paulo. Analisamos a formação de significados a partir da relação entre a história norte-americana e brasileira, que ressignifica a história local e as relações sociais. Entendemos a linguagem na enunciação como argumentativa, integrando sentidos ao longo do texto e constituída pelo acontecimento de enunciação. Nessa medida, a partir das análises de textos produzidos por esses confederados, tais como cartas, diários e relatórios, buscamos observar como os acontecimentos influenciam as argumentações sobre a imigração estadunidense e os sentidos que sustentam as conclusões, buscando compreender a formação de sentidos nas relações sociais, especialmente em relação à escravidão.

PALAVRAS-CHAVE: Acontecimento; Enunciação; Argumentação; Confederados.

ABSTRACT

This study, based on the Semantics of the Event, examines the meanings of slavery and racial relations in Brazil due to the presence of American Confederate immigrants in the city of Americana, São Paulo. We analyze the formation of meanings from the relationship between American and Brazilian history. We understand language in enunciation as argumentative, integrating meanings throughout the text and that meaning is constituted by the event of enunciation. In this context, through the analysis of texts produced by these Confederates, such as letters, diaries, and reports, we seek to observe how events influence the arguments about American immigration and the meanings that support the conclusions, aiming to understand the formation of meanings in social relations, especially in relation to slavery.

KEYWORDS: Event; Enunciation; Argumentation; Confederates.

Introdução

Neste artigo, fruto de uma pesquisa de Doutorado, buscamos refletir sobre os sentidos da escravidão e das relações raciais a partir da presença de imigrantes estadunidenses confederados no Brasil, sobretudo os que se instalaram em Americana e

¹ Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail: amandaazzali@estudante.ufscar.br.

Santa Bárbara D'Oeste, cidades do interior de São Paulo, através de uma análise semântico-histórico-enunciativa.

A imigração de estadunidenses no Brasil ocorreu por volta de 1865, mesmo período do fim da *Guerra Civil dos Estados Unidos*, ou *Guerra de Secessão*, que se iniciou por volta de 1860, quando o estado da Carolina do Sul declarou secessão e rompeu com a União, seguida por outros estados, formando os *Estados Confederados da América*. A guerra representou um confronto entre o Norte industrializado, que se opunha à expansão da escravidão, e o Sul agrário, que defendia vigorosamente a manutenção do sistema escravista.

Com a derrota dos estados sulistas e a consequente abolição da escravidão ao final da guerra, o Sul enfrentou uma difícil situação social e econômica. Foi então que se iniciaram movimentos migratórios desses grupos que buscavam refazer suas vidas, a maioria, como agricultores, coincidindo com o momento em que o governo do Império brasileiro incentivou a imigração. No estado de São Paulo, fundaram uma comunidade e, depois, junto com imigrantes de outras nacionalidades, uma cidade que hoje leva o nome de Americana e, sua vizinha, a cidade de Santa Bárbara d'Oeste.

Na atualidade, em Santa Bárbara d'Oeste, se realiza uma festa periódica no chamado *Cemitério dos Americanos*, local em que estes imigrantes e suas famílias estão sepultados. Trata-se da *Festa Confederada*, em que se celebra os costumes e símbolos, dentre eles a bandeira dos confederados, que é exibida com orgulho. Nessa medida, nota-se um esforço, por parte desses cidadãos brasileiros, em manter estes símbolos como parte da celebração dos feitos de seus antepassados. No entanto, a *Festa Confederada* desperta controvérsias por conta da simbologia da bandeira confederada, carregada de um passado marcado pela escravidão e pelo racismo. Nos Estados Unidos, esse símbolo representa a defesa da supremacia branca e da manutenção do regime escravocrata, sendo considerado um emblema de ódio e opressão.



Figura 1 – Bandeira dos Estados Confederados da América.²

A festa exemplifica como a história é frequentemente influenciada pelas narrativas dominantes que são transmitidas de geração em geração. A construção histórica, porém, pode resultar no apagamento ou distorção de fatos importantes, especialmente aqueles que dizem respeito a questões de opressão e injustiça. Esse modo equivocado de celebrar, portanto, serve como um lembrete de que a luta contra o racismo estrutural precisa ser constante, pois seus ecos ainda ressoam em nossa sociedade.

Nesse contexto, a problematização em torno desta relação de sentidos que a presença desses confederados em território brasileiro produz é o que nos interessa compreender. Nosso interesse está em observar, na história das enunciações desses imigrantes, como eles significam a escravidão e as relações raciais. Entendemos que o que significa escravidão, escravos e negro para um brasileiro e para um estadunidense pode não ser o mesmo, pois se trata de sujeitos que falam línguas diferentes que compõem distintos espaços de enunciação e que possuem uma história de enunciações (e de sentidos) diferentes.

Para aprofundar essa compreensão, em nossa análise, abordamos o percurso histórico da instituição da escravidão em ambos os países, bem como os conceitos de raça e racismo, que influenciam significativamente as relações sociais. Essa discussão é importante na medida em que nos permite compreender, através de uma perspectiva enunciativa, os sentidos associados à escravidão e o impacto da presença de imigrantes confederados no Brasil sobre as línguas e os falantes na materialidade do texto.

² Fonte: BBC News Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/09/130830_bandeira_confederados_an. Acesso em: 28 nov. 2024

Buscamos, então, compreender como é que os locutores desses textos, agenciados por sentidos da língua inglesa falada nos Estados Unidos e possivelmente por outras línguas, também faladas lá, significam a escravidão no Brasil, espaço de enunciação formado pela relação política entre outras línguas como o português, as línguas indígenas e as línguas africanas faladas aqui, etc., com outra história de enunciações e, desse modo, outros sentidos, para os escravos, a escravidão, os colonizadores, etc.

Fundamentação teórica

O referencial teórico no qual nos inscrevemos é o da Semântica do Acontecimento desenvolvida por Eduardo Guimarães (2002; 2007; 2011; 2018). Esta teoria, que sustenta as pesquisas que realizamos, resulta de um percurso teórico de reflexão no interior da Semântica da Enunciação, em que se pratica um modo de descrever o sentido que se distingue de visões formais, cognitivas ou estritamente estruturais.

Os estudos que tomam por base o aparato teórico desta semântica voltam-se para a análise do que palavras designam, levando em conta a sua integração nos enunciados que podem, por sua vez, integrar um texto, no acontecimento de sua enunciação. E, desse modo, uma palavra não significa sozinha. Nem seu significado pré-existe ao seu funcionamento na enunciação, embora haja uma sedimentação de sentidos pela história de enunciações.

De acordo com Guimarães (2002, p. 12), “o acontecimento instala sua própria temporalidade”, que determina o sujeito e a enunciação, constituindo-se de um passado, instaurando um presente e uma latência de futuro, e é nessa latência que se encontra a significação, o interpretável. Portanto, é o acontecimento que produz o sentido e o passado no acontecimento se faz através de lembranças de enunciações, isto é, recortes de enunciações prévias no acontecimento, o que é chamado de memorável.

O acontecimento enunciativo agencia falantes que são sujeitos afetados pelo simbólico que se localizam em um tempo e um espaço. Estes sujeitos são afetados pela língua, pelo modo como estas línguas estão distribuídas a estes falantes e, nesse contexto, temos o conceito de espaço de enunciação que se configura pelo modo de distribuição das línguas em um espaço, enquanto um espaço determinado pelas línguas e relacionado aos falantes que convivem politicamente. Trata-se de um espaço em que o sujeito constitui suas relações com outros sujeitos pelas línguas que falam; em que o sujeito se constitui, na alteridade, significando, onde o simbólico se expõe ao real, produzindo significação.

A enunciação é, portanto, o acontecimento de um enunciado e o sentido de um enunciado ocorre por meio do funcionamento da linguagem, isto é, no acontecimento. A enunciação é “o acontecimento de funcionamento da língua num espaço de enunciação” (Guimarães, 2018, p. 22).

Material e métodos

A análise do funcionamento linguístico na Semântica do Acontecimento consiste em considerar os enunciados como unidades independentes que compõem o texto. Esses enunciados devem ser considerados a partir de recortes de textos, pelo procedimento de sondagem. Nessa perspectiva, “analisar enunciados de textos é analisar não segmentos linguísticos simplesmente, mas fragmentos do acontecimento de enunciação” (Guimarães, 2023, p. 126).

A partir de diversos textos produzidos por estes confederados norte-americanos no período de 1860 a 1895, como cartas, relatórios e diários, levamos em conta em nossa sondagem os trechos que mencionam a questão racial e a escravidão, uma vez que entendemos que se trata de um momento específico da história em que diferentes memórias se cruzam, relacionadas à escravidão nos Estados Unidos e no Brasil, dois espaços-tempo com significados distintos e desdobramentos específicos em relação às relações raciais e o racismo.

Para analisarmos os acontecimentos de enunciação, temos procedimentos específicos de análise, como o conceito de cena enunciativa, os procedimentos de reescrituração e articulação, que são importantes para que possamos esboçar um Domínio Semântico de Determinação - DSD, que é uma representação que se estabelece por meio das análises das relações de uma palavra com outras que a determinam nos textos em que está funcionando (Guimarães, 2007).

A partir das categorias de descrição, como a articulação e a reescrituração, poderemos explorar os aspectos relacionados ao modo de funcionamento do enunciado, sua organização e coerência interna, bem como a relação de seus elementos com o texto, nos permitindo acessar os sentidos por meio do acontecimento. Guimarães (2007, p. 84) define a reescrituração como o “o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si”.

Já a operação de articulação, conforme explica o autor, são “as relações de predicação, de determinação, de complementação, de argumentatividade, de

pressuposição etc.” (Guimarães, 2023, p. 130). O autor explica que a articulação diz respeito às relações próprias das contiguidades locais. São procedimentos que ocorrem nas relações no interior dos enunciados ou na relação entre eles.

A cena enunciativa é a maneira como os sentidos, no acontecimento, se apresentam e fazem com que o sujeito seja percebido pela linguagem, determinado pela deontologia que permite a produção, o direcionamento dos sentidos para as figuras da enunciação, isto é, os sujeitos (Guimarães, 2002).

O sujeito, por sua vez, é constituído pelos sentidos e pela cena no acontecimento, gerando uma contradição impulsionada pela linguagem. Essa contradição surge entre as práticas normativas legitimadas social e historicamente na relação entre os sujeitos, definindo seus lugares na linguagem, e a afirmação de pertencimento dos sujeitos excluídos dessas práticas, que também são determinados pela língua, mas se caracterizam pela resistência e diferença em relação a essa normatividade. Isso envolve o aspecto político e a hierarquização dos sujeitos através do funcionamento da linguagem e sua identificação nos espaços de enunciação.

No acontecimento, o sujeito se constitui pelos seus dizeres e atribui sentidos ao real. Esses dizeres conferem ao falante papéis enunciativos ou lugares sociais de dizer, que são constituídos pela linguagem. O sujeito se apresenta como locutor L ao tomar a palavra para si, mas também é afetado pelo lugar social que ocupa, sendo o alocutor-x. Ele fala a partir de uma constituição de figuras enunciativas e se divide como enunciador, assumindo características individuais, genéricas, coletivas ou universais. Esse é o agenciamento enunciativo, que é político, envolve a produção de sentidos, o estabelecimento de relações e hierarquização dos sujeitos e das línguas pelo dizer (Guimarães, 2018).

Segundo Guimarães (2018), quando se divide os lugares de enunciação, pelo agenciamento do falante, se estabelece uma relação de alocação, sendo o Locutor relacionado ao Locutário como seu correlato do dizer. Do mesmo modo, o alocutor constitui o lugar social para o qual ele diz, o alocutário. A linguagem, portanto, é constituinte de relações e é o agenciamento “pela língua, do falante em Locutor, e pelo agenciamento do falante em alocutor pela relação histórica com os falantes do espaço de enunciação” que estabelece a alocação (Guimarães, 2018, p. 72).

Nesse sentido, entendemos que a argumentação é elemento do processo de significação e é produzida pelo acontecimento de enunciação. Através da cena enunciativa, o agenciamento mobiliza as condições sócio-históricas que o falante

apresenta no espaço de enunciação. A argumentação é então “o lugar social do alocutor (al-x) sustenta algo para um lugar social de alocutário (at-x)” (Guimarães, 2018, p. 107).

A argumentatividade também é o agenciamento da língua que dá orientação entre a razão e a conclusão a partir do uso de articuladores, conectivos ou conjunções. Portanto, o funcionamento da língua na enunciação é a própria argumentatividade, a relação de integração de sentidos ao longo de um texto.

Há, portanto, uma dinâmica dos lugares da enunciação que mostra uma relação de um lugar que diz ao mesmo tempo que outro, demonstrando modos diferentes de significar. Essas relações entre as figuras da enunciação se dão no acontecimento enunciativo de modo a significar as relações entre expressões de enunciados, as relações de articulação que vimos anteriormente. Guimarães (2018, p. 68), explica que estes “são modos de ‘comentar’ indiretamente o próprio dizer da cena. Estes modos de ‘comentário’ podem se dar por apresentação e por alusão”³.

De acordo com o autor, a apresentação é quando o alocutor apresenta o dizer de um enunciador, “consiste em um lugar de enunciação mostrar-se como quem faz conhecer um dizer de outro lugar, coexistente ao seu próprio dizer” (Guimarães, 2018, p. 69). Sendo assim, ao analisarmos os enunciadores na cena enunciativa “é preciso considerar qual o modo específico da apresentação envolvida” (Guimarães, 2018, p. 69).

A alusão é uma relação de um lugar de enunciação que evoca um outro lugar de enunciação e o que se diz a partir deste lugar. Segundo o autor, “o enunciador pode, a propósito de outros aspectos da significação, aludir a outro enunciador ou ao alocutor. Ou ainda que o alocutor pode aludir ao Locutor” (Guimarães, 2018, p. 69). Nessa medida, a alusão não é simplesmente uma citação do que foi dito, mesmo que seja de forma indireta. Em vez disso, a alusão envolve uma relação entre diferentes lugares de enunciação que coexistem ao mesmo tempo.

É, portanto, a partir da relação coexistente dos lugares de enunciação, que poderemos observar que a produção de sentidos se dá pelo funcionamento da língua com relação ao espaço enunciativo e, a partir da análise da dinâmica própria da cena enunciativa, poderemos também observar de que modo as argumentações são sustentadas pela alusão ou apresentação dos lugares da enunciação.

³ Graficamente a relação de apresentação é representada por uma seta de espessura grossa, enquanto a alusão, por uma seta de espessura mais fina.

Sendo assim, nossa proposta para este estudo é a de refletir os sentidos acerca da relação dos confederados imigrantes com as questões raciais e a escravidão, a partir de seus relatos. Observaremos os vários enunciados que temporalizam, ou seja, rememoram e permitem a interpretação a partir dos lugares enunciativos que os Locutores nos apresentam.

O caso do Locutor Reverendo Ballard S. Dunn

Vejamos a análise de um recorte selecionado da obra *Brasil, o lar dos sulistas: ou, Um relato prático do que o autor, e outros, que visitaram aquele país, pelos mesmos objetos, viram e fizeram naquele Império*⁴ do Reverendo Ballard S. Dunn. O texto foi escrito em 1865 e publicado no ano seguinte com o propósito de determinar os prós e contras do Brasil para a imigração da comunidade sulista do pós-guerra. O autor dos relatos, o Reverendo Ballard S. Dunn foi Reitor da Igreja de Saint Philips em Nova Orleans e, mais tarde, de 1859 a 1861, serviu no Exército Confederado durante a Guerra Civil. Ele trata de esclarecer algumas possíveis preocupações de seus compatriotas sulistas em relação a imigração no Brasil.

Em suas relações uns com os outros, eles são muito sociáveis, mas um tanto cerimoniais. Mesmo entre operários e negros, dois conhecidos nunca se encontram na rua sem troca de cumprimentos. Um negro, tirando o chapéu, dirige-se ao amigo com *Salveo Deos* ou *Deos the de bone dias*; então segue uma investigação completa sobre o estado de sua saúde e de sua família e parentes; e na despedida os elogios são regularmente renovados. Também é costume entre os brasileiros, ao falarem uns com os outros, tirarem seus chapéus, e permanecerem descobertos até que se deseje colocá-los (Dunn, 1866, p. 254-255, tradução nossa⁵).

Nesse recorte, podemos observar um falante que, ao ser agenciado, divide-se em Locutor, o Reverendo Ballard S. Dunn, se apresentando, portanto, como responsável pelo

⁴ No original: *Home for Southerners: or, a practical account of what the author, and others, who visited that country, for the same objects, saw and did while in that empire.*

⁵ No original: *"In their intercourse with one another they are very sociable, but somewhat ceremonious. Even among the working-classes and the blacks, two acquaintances never meet in the street without an interchange of compliments. A negro, doffing his hat, addresses his friend with-" Salveo Deos," or " Deos the de bone dias;" then follows a full inquiry into the state of his health, and that of his family and relations; and on parting the compliments are regularly renewed. It is also the custom among Brazilians, when speaking to one another, to remove their hats, and to remain uncovered until desired to put them on"* (Dunn, 1866, p. 254-255).

dizer. Esse Locutor, fala de um lugar social, um alocutor-x, isto é, um alocutor-estadunidense, pois trata-se de alguém dessa nacionalidade e que enuncia agenciado pelas línguas e sentidos do espaço enunciativo dos Estados Unidos, formado, ao menos, pela língua inglesa e pelos sentidos provenientes da história de enunciações desse espaço enunciativo. Podemos pensar também que este Locutor fala de outros lugares sociais, o de religioso, representante da Igreja Protestante, por se apresentar com o título de *Reverendo*, e também do lugar social de confederado, uma vez que atuou na guerra ao lado de outros sulistas.

Como se desconhecesse que fala desse lugar social de estadunidense, confederado e religioso agenciado pela língua inglesa e pelos sentidos provenientes da história de enunciações desse espaço enunciativo, mais especificamente no contexto dos estados sulistas, ele apresenta um enunciador universal que discorre sobre como são os brasileiros como uma verdade para todos.

Logo no início vemos que há uma predicação do modo de se relacionar dos brasileiros uns com os outros, mais precisamente de brasileiros como *sociáveis* e *cerimoniosos*, uma vez que, considerando a relação integrativa, isto é, a relação de um elemento linguístico com o texto como um todo, há uma reescritura de *brasileiros*, termo presente no início do capítulo, por substituição em *eles*, determinando assim o sentido de *brasileiros*. Esta palavra também é reescrita por repetição em “Também é costume entre os brasileiros”.

Em “Mesmo entre operários e negros”, podemos observar que tanto *operários*, quanto *negros* são especificados dentro do grupo de brasileiros, configurando uma hiponímia enunciativa. Em “Um negro, tirando o chapéu, dirige-se ao amigo com *Salveo Deos* ou *Deos the de bone dias (...)*”, temos a palavra *negro* novamente especificando o sentido de *brasileiros*.

Chegamos então ao seguinte domínio semântico de determinação para *brasileiros*:

negro brasileiros operário

Onde se lê: *negro* e *operário* determinam o sentido de *brasileiros*.

Isso significa que a relação é estabelecida de forma que *negro* e *operário* determinam o sentido de *brasileiros* e o que temos é que o que se diz é afetado pela apresentação que o alocutor-estadunidense faz do enunciador e pelo alocutário que ele estabelece, um alocutário também estadunidense e confederado. Essas determinações

recortam um memorável liberal, capitalista e fundamentado no racismo científico⁶, na medida em que *racializa*⁷ os indivíduos, de modo a hierarquizar os grupos humanos em raças com base em características percebidas.

Em “eles são muito sociáveis, mas um tanto cerimoniosos”, temos nesta relação [A] mas [B], isto é, o enunciado A e o enunciado B, articulado pelo *mas*:

[A] Os brasileiros são muito sociáveis

[B] mas um tanto cerimoniosos

Temos então um falante, que ao dizer [A] mas [B] é constituído em aquele que diz (Locutor), que diz para alguém, um Locutário. Por outro lado, esse Locutor se divide em alocutor, como quem fala do lugar social de estadunidense, confederado e religioso para um alocutário estadunidense, confederado e que compartilha do mesmo credo. É este alocutor que sustenta, a partir de um enunciador-universal, a conclusão de que “os brasileiros são sociáveis mas cerimoniosos”. Assim, a sustentação da relação de argumentação se dá a partir da apresentação que o alocutor-confederado faz do enunciador-universal a um alocutário-confederado.

Se por um lado a argumentação é agenciada pelo lugar social, a relação de argumentatividade é agenciada pela língua, isto é, a relação de argumentatividade apresenta o efeito de sentido produzido a partir do lugar enunciativo daquele que diz, o Locutor. Esta relação é entendida por Guimarães (2018, p. 111) como “um tipo de articulação que estabelece uma diretividade no sentido do dizer que se apresenta pelo funcionamento da língua na enunciação”. Trata-se de um tipo de funcionamento que se dá no interior do funcionamento da argumentação, isto é, a argumentatividade funciona de modo integrado à argumentação.

⁶ O racismo científico baseia-se em teorias pseudocientíficas que procuram justificar a superioridade de uma raça sobre as outras, frequentemente associando características físicas, como cor da pele, a características intelectuais, morais ou culturais. Almeida (2019) destaca que o racismo científico foi amplamente disseminado nos séculos XIX e início do século XX, com teorias que afirmavam a inferioridade de grupos raciais não brancos, particularmente negros. Essas teorias serviram de justificativa para práticas discriminatórias, como a escravidão, a segregação racial e o colonialismo.

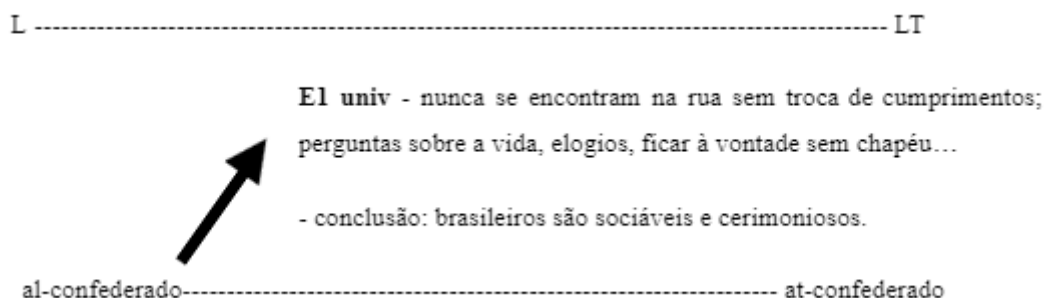
⁷ Sobre o termo racializar, Almeida (2019) explica que a racialização é o processo pelo qual se atribui uma raça a indivíduos ou grupos, frequentemente com base em características físicas, culturais ou sociais. Ele argumenta que o racismo estrutural é um sistema de discriminação que opera através da racialização, categorizando e hierarquizando as pessoas com base em sua raça, o que pode levar à criação de estereótipos e preconceitos. O autor enfatiza que a racialização não se limita a aspectos biológicos, mas também envolve aspectos culturais e sociais, como a língua que se fala, a religião que se pratica ou a aparência física.

Essa diretividade no sentido do dizer, a *orientação de argumentatividade*, tal como é denominada por Guimarães (2018), é produzida pela enunciação de formas linguísticas como as conjunções, por exemplo. As articulações dos enunciados, a partir destas formas linguísticas, significam no acontecimento a partir do agenciamento do falante pela língua (Guimarães, 2018). Sendo assim, o que se considera é o que está inscrito no próprio funcionamento da língua e isto pode ser observado a partir do modo de funcionamento destas articulações de enunciados ou elementos de enunciados, próprias da língua e que integram o texto.

Sendo assim, no caso de [A] Os brasileiros são muito sociáveis [B] mas um tanto cerimoniais, o *mas* articula uma concessão, produzindo uma *diretividade do dizer* e que é enunciada do lugar do Locutor, enquanto agenciado pela língua e se relaciona ao alocutor pela alusão que este lugar faz ao Locutor (Guimarães, 2018). Nesse sentido, o uso do *mas* atua como um elemento de concessão, introduzindo uma contraposição ou ressalva em relação ao que foi afirmado anteriormente, dando um direcionamento ao dizer deste Locutor, influenciando a forma como a argumentação se desdobra do lugar do alocutor.

Observamos que o que é dito em [B] se contrapõe a [A] e a continuidade do texto se dá por uma retomada do dito em [B] nos argumentos apresentados pelo enunciador-universal que especificam o sentido de *cerimoniosos*. Sendo assim, o que vem articulado depois de [B], produz o sentido de *cerimoniosos* e estabelece a integração do texto. Vemos que *cerimoniosos* é significado como um defeito e não uma qualidade de brasileiros, de modo que podemos entender que para ele, trata-se de uma diferença de costumes entre o que se observa no Brasil e seu lugar de origem, uma espécie de choque cultural, sobretudo, quando diz que tudo isso acontece mesmo entre *operários* e *negros*. É aqui que podemos observar o memorável da divisão de classes e raças, nos mostrando que operários e negros estão em outro patamar e, nessa divisão, certamente o modo de relacionamento dessas pessoas se dá de outra forma no seu lugar de origem.

A seguir, a representação da cena enunciativa deste recorte:



Temos um falante que ao ser agenciado divide-se em Locutor que se apresenta como responsável pelo dizer, dividindo-se em alocutor-confederado que estabelece seu alocutário também confederado. Esse alocutor apresenta um lugar de dizer universal para expor o modo de comportamento dos brasileiros para poder sustentar a conclusão de que *os brasileiros são sociáveis e cerimoniais*.

Considerações finais

Ao longo da história, os Estados contemporâneos empregaram a classificação racial de maneiras distintas, como um meio de estabelecer hierarquias sociais e desenvolver estratégias econômicas. Nessa medida, cada projeto político adotou abordagens específicas que influenciaram a estrutura social de cada sociedade.

No caso brasileiro, a desigualdade foi internalizada como uma marca enraizada na história e nas estruturas sociais do país. Ao longo dos séculos, a desigualdade socioeconômica e as disparidades de acesso a recursos e oportunidades têm sido perpetuadas, resultando em um sistema social estratificado e desigual. Essa desigualdade é frequentemente associada a fatores como classe social, origem étnico-racial e *status* socioeconômico e acaba sendo naturalizada e aceita como parte da ordem social (Almeida, 2019).

Dessa forma, no Brasil, a discriminação racial, muitas vezes se manifesta de maneira não formalizada. Isso significa que, ao invés de ser explicitamente institucionalizada através de leis ou políticas discriminatórias, ela se manifesta de forma mais implícita nas interações cotidianas, nos padrões de comportamento e nas estruturas sociais (Schwarcz, 2012).

Por outro lado, nos Estados Unidos, a discriminação racial sempre teve um caráter marcadamente segregacionista, a ponto de ser institucionalizada e formalizada através de

políticas, como as *leis Jim Crow*, que impunham a segregação racial em diversos aspectos da vida, como escolas, transporte e espaços públicos. Essas políticas criaram barreiras legais e estruturais que perpetuaram a desigualdade racial e reforçaram a supremacia branca. Foi, então, essa categorização racial que serviu como base para a criação de estratificações sociais, determinando quem teria acesso a recursos, poder e privilégios dentro da sociedade (Magnoli, 2009).

Entendemos que essas diferenças nos processos históricos, na forma como a desigualdade e a discriminação racial se manifestam nos dois países influencia diretamente o espaço enunciativo, que é político. O espaço de enunciação, como apontamos anteriormente, é entendido como espaço de funcionamento das línguas, onde ocorrem disputas, divisões, misturas e transformações. São espaços habitados por falantes, sujeitos que são divididos por seus direitos de fala e pelos modos de expressão. Nesse contexto, o espaço de enunciação torna-se um espaço político onde se manifestam as lutas pelo reconhecimento e pela legitimação das línguas, dos discursos relacionados à raça e às experiências raciais. O conflito está intrinsecamente ligado à constituição desse espaço, pois envolve a redivisão do sensível e dos papéis sociais.

Temos, portanto, diferentes espaços de enunciação: o brasileiro e o norte-americano. Cada um desses espaços possui suas próprias histórias, experiências e concepções sobre raça, racismo e escravidão. Quando um imigrante ou turista estadunidense chega em território brasileiro, por exemplo, ele traz consigo seus sentidos e concepções sobre as questões raciais e a escravidão do seu próprio espaço enunciativo. Ao entrar em contato com o espaço enunciativo brasileiro, ele pode perceber novos aspectos sobre essas questões, mas afetados pelos sentidos da língua inglesa, que se sobrepõem aos sentidos da língua portuguesa, tal como vemos nas designações, assim como na movimentação argumentativa nas enunciações desses confederados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

DUNN, B. S. **Home for Southerners**: or, a practical account of what the author, and others, who visited that country, for the same objects, saw and did while in that empire. New York: G. B. Richardson [etc.], 1866. Disponível em: <http://name.umdl.umich.edu/ajl5604.0001.001>. Acesso em: 18 maio 2022.

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação**: Um estudo de conjunções do Português. Campinas: Pontes, 1987.

GUIMARÃES, E. **Semântica Do Acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. **Domínio Semântico de Determinação**. In: A Palavra: Forma e Sentido, M.C. Mollica e E. Guimarães (orgs.). Campinas: Pontes, 2007.

GUIMARÃES, E. **Análise de texto**. Procedimentos, análises, ensino. Campinas: Editora RG, 2011.

GUIMARÃES, E. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, E. Sobre teoria e método em semântica da enunciação. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, SP, v. 26, n. 51, p. 116–134, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8671816>. Acesso em: 05 ago. 2023.

MAGNOLI, D. **Uma gota de sangue**: história do pensamento racial. São Paulo: Contexto, 2019.

SCHWARCZ, L. M. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: Cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

Como referenciar este artigo:

AZZALI, Amanda Castilho. Um estudo enunciativo da relação dos confederados imigrantes com a escravidão na região de Americana-SP. **revista Linguasagem**, São Carlos, v.46, n.1, p. 44-57, 2024.

Submetido em: 28/07/2024

Aprovado em: 19/11/2024